

*Nascentes***EFEITOS DE SENTIDO EM TEXTOS SOBRE MATERNIDADE
E FECHAMENTO DAS ESCOLAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19***Aline Maria dos Santos Pereira***Adriana Santos Batista***

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar os efeitos de sentido produzidos sobre a maternidade, no contexto de fechamento das escolas devido à pandemia da Covid-19, em textos jornalísticos de grande circulação. A pesquisa tem por base os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, especificamente, mobilizamos as noções de discurso, sentido, silenciamento, interdiscurso e memória discursiva. O *corpus* é constituído de trechos de cinco textos publicados nos seguintes jornais e portais de notícias: *BBC News* em São Paulo, *Brasil de Fato*, *Carta Capital*, *El País* e *UOL* em 2020. Os resultados apontam para (i) uma regularidade discursiva acerca de papéis historicamente discursivizados para o homem e para a mulher; (ii) uma instauração de paráfrases que sedimentam a naturalização da desigualdade de gênero e da sobrecarga materna e (iii) efeitos de sentido de uma relação intrínseca entre o funcionamento das escolas e a economia.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Interdiscurso; Maternidade.

Introdução

O debate sobre educação, já presença constante na mídia brasileira, ganhou novos contornos com a pandemia da Covid-19. Com o fechamento das escolas, muitos textos tiveram como temática o papel das crianças e adolescentes na propagação do vírus, as dificuldades do ensino não presencial, a falta de acesso a equipamentos e internet, os desafios encontrados por famílias e professores, a desigualdade resultante da falta de contato com a escola, dentre outras. A excepcionalidade do momento conduziu a uma abertura para temas anteriormente pouco presentes na mídia quando se trata de educação, como é o caso do papel das famílias na vida escolar de crianças e adolescentes.

Como resultado dessas novas temáticas, palavras têm sido incorporadas ao vocabulário escolar e popularizadas, mesmo que com algumas alterações substanciais em seus significados; foi este o caso, por exemplo, de *homeschooling*, *home office*, síncrono, assíncrono, ensino remoto. Para além desse acréscimo, outras palavras passaram a ser empregadas nos textos

* Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XXI. Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

** Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Letras: Filologia e Língua Portuguesa (2016) pela Universidade de São Paulo (USP). Líder do Grupo de Estudos sobre Texto e Enunciação (GETEn) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise (Geppep).

que se propuseram a problematizar o papel das escolas; uma delas, simbolicamente já muito apagada no contexto escolar, é “mãe”. Embora as mães sejam as principais responsáveis pelos cuidados da vida escolar das crianças, não raro em reuniões escolares perdure a designação de “reunião de pais” ou a saudação a “pais”, mesmo que não haja nenhum pai presente.

Cientes das discussões existentes em torno do emprego do gênero masculino como indicativo de neutralidade, interessa-nos desse exemplo o quanto estruturas da língua podem refletir e reforçar apagamentos e desigualdades existentes na sociedade. Desigualdades expressas em falta de políticas públicas, trabalho não remunerado, sobrecarga mental e falta de apoio para o acompanhamento das crianças. Todas essas situações agravadas pela pandemia.

Sem desconsiderar o impacto mais direto às crianças e jovens com acesso limitado ou sem acesso à educação nesse período, como o aumento das desigualdades entre estudantes das redes pública e privada, nossa opção neste texto é observar o espaço destinado à discussão sobre maternidade e mercado de trabalho no debate em torno do fechamento das escolas durante a pandemia. Nosso principal interesse recai sobre os possíveis efeitos de sentido ativados quando se menciona a situação das mães em um contexto de indisponibilidade de estrutura física das escolas, o que corresponde também a observar os eventuais silenciamentos e quais papéis têm sido atribuídos a elas.

Teoricamente, apoiamo-nos em preceitos da Análise do Discurso (AD) conforme preconizada por Pêcheux e retomada por Orlandi e Indursky, com mobilização principalmente das noções de sentido, silenciamento, interdiscurso e memória discursiva. Tomamos como base textos jornalísticos publicados na *BBC News* em São Paulo, *Brasil de Fato*, *Carta Capital*, *El País* e *UOL* no primeiro ano da pandemia que, em seus títulos fazem menção, em alguma medida a maternidade, mercado de trabalho e pandemia. Nos textos analisados as configurações familiares mencionadas variam entre famílias heteroafetivas ou com mães solo, embora esse não tenha sido um recorte considerado na seleção.

Discurso e efeitos de sentido

Analisar os efeitos de sentido construídos acerca da maternidade quando se discute educação e fechamento das escolas implica considerarmos que eles não se limitam à materialidade linguística, mas são determinados por estruturas socioeconômicas dos contextos de produção e circulação. Neste ponto, faz-se relevante retomar as palavras de Pêcheux ao problematizar as especificidades da leitura, descrição e interpretação nos estudos linguísticos: “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como

uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.” (PÊCHEUX, [1983] 2015, p. 53).

O sentido, portanto, não pode ser considerado como algo fixo, pronto e transparente na materialidade dos significantes; pelo contrário, ele é construído a partir da relação da língua com a exterioridade e da (des)identificação do sujeito com diferentes formações discursivas; instaurando um gesto de interpretação. Esse gesto é realizado através de um contínuo batimento e tensão entre descrição e interpretação; partindo do pressuposto de que o discurso se caracteriza como um funcionamento, como “movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é discurso”. (ORLANDI, 2015, p. 10).

A língua, nesse contexto, é caracterizada pela opacidade, por deslizos e equívocos, que são observados a partir das relações com os efeitos de memória e o interdiscurso, que, de acordo com Pêcheux [1975] 2014, p. 151), refere-se ao pré-construído socialmente, “ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade”; e a Formação Discursiva (FD), nessa mesma direção, conforme pontua o autor, corresponde a “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 147).

É importante destacarmos que, para além dos dizeres presentes nos textos, conforme destaca Orlandi ([1999] 2015, p. 81), “há toda uma margem de não-ditos que também significam”; dessa forma, os silêncios também são constitutivos dos sentidos. Nesse jogo é que os sentidos também são construídos e propagados nos textos jornalísticos, espaço privilegiado para observar como diferentes formações discursivas se materializam.

A partir desses pressupostos, organizamos as nossas discussões em três eixos: desigualdades de gênero, *home office* e licença como privilégios, e sobrecarga e exaustão materna. Essa divisão foi pautada no princípio da regularidade discursiva, partindo da premissa de que regular refere-se a “aquilo que se repete; processos regulares são aqueles que tomam “certa direção”, orientados por determinações ideológicas, mas que podem se transformar, mudar de orientação conforme o interdiscurso.” (FERNANDES e VINHAS, 2019, p. 142-143). Ademais, consideramos a importância de discussão desses eixos relacionados à maternidade porque se constituem em um contínuo embate discursivo, atravessado pela historicidade, entre a estabilização de já-ditos e os deslocamentos a partir da contestação e da resistência.

Para a discussão de cada eixo, realizamos recortes de trechos de algumas notícias, pautando-nos na noção de recorte, definida por ORLANDI (1984), como um fragmento da situação discursiva; para a autora, o recorte de um determinado tópico, por exemplo, envolve confronto, intersubjetividade e disputa; em suas palavras, essa delimitação “privilegia esse ou aquele elemento pertinente para a significação, dá essa ou aquela direção ao texto”. (ORLANDI, 1984, p. 17). Considerando esse trabalho do analista do discurso, destacamos como, por meio de estruturas linguísticas empregadas vinculadas à exterioridade, é possível construir efeitos de sentido acerca de aspectos sociais inerentes à situação das mães diante do fechamento das escolas durante a pandemia.

Seleção dos dados e aproximações iniciais

A seleção do *corpus* se deu inicialmente por pesquisas realizadas no buscador Google Notícias para páginas em língua portuguesa, com o recorte temporal entre março e dezembro de 2020, e inserção das temáticas de busca “mãe(s)”, “maternidade”, “pandemia” e “escola”; dessas buscas, resultaram 276 textos. A segunda etapa ocorreu pela separação daqueles que em seu título continham as palavras “mãe(s)” ou “maternidade”, o que nos levou a 23 resultados. Para o recorte final, eliminamos a repetição de veículos de mídia e buscamos os que faziam no título alguma menção a aspectos ligados a mercado de trabalho, como resultado obtivemos cinco textos para composição do *corpus*.

Quadro 1: Textos selecionados

Título	Meio de publicação e data
Retomada econômica ignora mães que precisam ir ao trabalho e não terão escolas para deixar os filhos	El País, 04/06/2020
Mães relatam dificuldades por volta ao trabalho com filhos fora da escola	UOL (Estadão conteúdo), 06/07/2020
As mães demitidas durante a pandemia: “Tentei conciliar trabalho com meu bebê, mas perdi o emprego”	BBC News Brasil em São Paulo 05/10/2020
Mães com crianças em casa vivem o dilema de conciliar cuidados com filhos e trabalho	Brasil de Fato Petrolina (PE) 09/10/2020
Falta de rede de apoio, emprego e escola marca a maternidade na quarentena	Carta Capital, 27/12/2020

(Fonte: organização das autoras)

Os títulos refletem uma estrutura social em que os filhos são encarados como um obstáculo para que as mulheres possam se inserir e se manter no mercado de trabalho; lógica

que as culpabiliza pela maternidade. Um exercício para observar as estruturas de discriminação refletidas é a substituição de “mães” por “pais”. Em nossa sociedade, muito marcada pelas desigualdades de gênero, classe e raça, causaria estranheza um título como “Os pais demitidos durante a pandemia: “Tentei conciliar trabalho com meu bebê, mas perdi o emprego”, pois os cuidados com as crianças, principalmente as menores, têm sido atribuídos majoritariamente às mulheres.

Em pesquisa realizada por Oliveira (2020), sobre a conciliação entre trabalho remoto, doméstico e maternidade durante a pandemia da Covid-19, a autora retoma os resultados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD)¹, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre os principais cuidadores de crianças e reflete acerca das implicações interseccionais desse cenário:

A PNAD 2015 estimou em cerca de 10,3 milhões o contingente de crianças de menos de 4 anos de idade no País, o que representava 5,1% da população residente. À época da pesquisa 83,7% das crianças de menos de 4 anos tinham uma mulher como primeira pessoa responsável por elas (IBGE, 2017) enquanto apenas 16,3% tinham homens como principal responsável. [...] Mulheres negras de baixa renda são as mais atingidas pela crise econômica e sanitária provocada pela pandemia porque estão na base do sistema de cuidados exigidos tanto pela saúde pública, como na vida privada. (OLIVEIRA, 2020, p. 157)

Esses aspectos, intrinsecamente ligados a concepções presentes na sociedade acerca da responsabilidade pelo cuidado e pela educação de crianças, são perceptíveis já nos títulos dos textos selecionados, e relacionam-se na memória discursiva à visão de creches e escolas como espaços destinados aos filhos enquanto as mães trabalham, desconsiderando-se a sua função educativa.

Assim, aspectos cruciais no âmbito educacional, tais como socialização e aprendizagem, são deixados em segundo plano e assumem uma importância intermediária. Um exemplo disso é o fato de, nos textos selecionados, que abordaram o fechamento das escolas devido à pandemia, o retorno das aulas ter sido discutido predominantemente como uma forma de as mães voltarem ao mercado de trabalho ou terem essa possibilidade. Essa regularidade discursiva é determinada pelo discurso econômico da ideologia neoliberalista que consiste na

¹ A PNAD teve início em 1967 com o objetivo de produzir resultados sobre “características gerais da população, educação, trabalho, rendimento e habitação, e, com periodicidade variável, outros temas, de acordo com as necessidades de informação para o País, tendo como unidade de investigação o domicílio.” A PNAD, com periodicidade anual, foi encerrada em 2016 e substituída pela PNAD Contínua com periodicidade trimestral. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que-e>.

promoção de uma visão empreendedora e puramente econômica da vida e de todas as atividades humanas. Esse discurso exorta, com efeito, a tornar produtivo, no sentido econômico, o que não pode sê-lo: a Escola e a Universidade, o Hospital e a Justiça. Suas palavras-chave são “eficácia econômica”, “rentabilidade financeira”, “retorno sobre o investimento”. (GUILBERT, 2020, p. 22).

À vista disso, as discussões em torno dos prejuízos econômicos para o governo e para o país ganharam mais destaque e preocupação do que os debates e tomada de ações no âmbito da educação, do retorno das aulas e das consequências psicossociais para as mães e as crianças.

Essas discussões permitem-nos refletir sobre uma das problematizações apontadas anteriormente acerca da menção à figura masculina nessa interface de contexto familiar e econômico. Há nos títulos menção a mães, demandas e dificuldades das mesmas e um apagamento em relação aos pais; esse apagamento é também constitutivo dos sentidos visto que, conforme ressalta Orlandi (2015, p. 81), “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam.”

Sobre as desigualdades de gênero

Para discutir as diferenças na forma como as mães e os pais são abordados, tomamos como parâmetro um trecho do texto publicado no jornal *El País*, “Retomada econômica ignora mães que precisam ir ao trabalho e não terão escolas para deixar os filhos”. Nele, há o emprego de uma estrutura que, na literalidade dos significantes, produz o efeito de reconhecimento de uma situação de igualdade entre as condições do pai e da mãe, pelo uso do advérbio “também”, como é possível observar em:

O pai de Manuela, de quem Gabriela é separada, é funcionário de um banco e *também não pode ficar com a filha* durante o dia. “Estou quebrando a cabeça para saber o que fazer”. Assim como Gabriela, milhares de outras mães estão tendo que aumentar seus *malabarismos* para planejar a retomada ao trabalho presencial. (El País, grifos nossos)

Embora se afirme que o pai, que não recebe nomeação, “também não pode ficar com a filha”, à mãe, nomeada durante o texto, cabe esta responsabilidade. Essa construção sintática, a partir do emprego de “também”, na transparência dos significantes instaura o efeito de igualdade no que diz respeito à impossibilidade de ficar com a criança. Linguisticamente, o seu uso funciona discursivamente como se ambos estivessem sujeitos às mesmas condições

sociais, o que não corresponde à situação retratada no texto e aos já-ditos do interdiscurso acerca das funções sociais construídas para o homem e para mulher no contexto familiar.

Apesar de inicialmente haver o emprego de uma estrutura que, pela perspectiva da evidência dos sentidos, institui o efeito de igualdade entre as condições de pai e mãe quanto às impossibilidades, o mesmo não ocorre no que diz respeito às responsabilidades pelos “malabarismos”, que são atribuídos como encargos somente das mães. Trata-se de uma passagem bastante representativa de uma dinâmica que, mesmo em um texto que pretende lançar luz à situação das mães no mercado de trabalho durante a pandemia, e, por esse viés, perturbar a rede de memória de já-ditos e produzir deslocamentos; concomitantemente, reforça as diferenças de gênero com relação às responsabilidades no cuidado com as crianças.

Percebemos, dessa forma, o funcionamento de uma memória que, conforme pontua Indursky (2011) ocorre pelo mecanismo da repetibilidade, em suas palavras,

se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urgidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados. (INDURSKY, 2011, p. 71).

Esse jogo é inerente a todo processo discursivo, visto que a língua não é transparente e homogênea, pelo contrário, ela é opaca, constituída pela falha e pela contradição; nessa perspectiva, conforme nos advertem Pêcheux e Gadet (2011, p. 102), “a sintaxe é a base da criatividade histórica (...) as regras da língua devem ser vistas como intrinsecamente possibilitadoras dos jogos ideológicos e das latitudes discursivas.” Ante o exposto, a análise apresentada acima acerca dos efeitos instituídos pelo uso do advérbio “também” é imbricada à relação da língua com a exterioridade, com o interdiscurso e considerando o contínuo jogo de forças e a tensão que atravessam a produção e a construção do sentido.

As discursividades inscritas nas notícias analisadas, ante o exposto, estão em um constante movimento de disputa; é importante destacarmos, nesse contexto, como pontua Dela Silva (2015), que os textos do âmbito jornalístico não se constituem como apresentações de fatos e informações imparciais, como uma transposição de uma determinada realidade; mas sim, são resultados de um gesto de interpretação do jornalista e se constituem como um acontecimento jornalístico, o qual “consiste em uma construção do jornalismo, enquanto uma prática discursiva na/da mídia e, como sabemos, a existência discursiva não se confunde com a existência empírica dos acontecimentos, quaisquer que sejam eles.” (DELA SILVA, 2015, p. 222).

Esses gestos de interpretação do jornalista e os efeitos de sentido produzidos são determinados pela interpelação ideológica, de forma inconsciente, e imbricados pelas condições de produção específicas e pela exterioridade; dessa forma, esses gestos “atualizam e retomam sentidos em curso, em um dado momento histórico.” (DELA SILVA, 2015, p. 224).

A seguir, destacamos um trecho de uma notícia da *BBC News*, “As mães demitidas durante a pandemia: “Tentei conciliar trabalho com meu bebê, mas perdi o emprego”, em que também há menção à figura do pai:

A pandemia chegou quando a advogada Nádia Silva, de Goiás, estava em seu segundo mês de licença-maternidade. Mãe solo (*embora receba pensão do pai da criança*), ela pretendia juntar um mês de férias à licença e aproveitar o período para encontrar um berçário para deixar o bebê quando voltasse ao trabalho. O plano não deu certo: os berçários continuam fechados, e a empresa exigiu a volta dela sem conceder as férias. (BBC News, grifos nossos)

Neste caso, o pai, também não nomeado, como na notícia anterior, é inserido entre parênteses, em uma oração iniciada por uma conjunção adversativa “embora”, logo após a designação “mãe solo”. O pagamento da pensão pelo pai funciona como uma ressalva à condição de mãe solo, como se a sua afirmação correspondesse à negação da responsabilidade financeira do pai. Há tanto um reforço à função paterna como ligada principalmente ao aspecto financeiro, quanto uma diminuição da condição de mãe solo pelo recebimento do que lhe é de direito. Esse reforço é instituído a partir do processo parafrástico que sedimenta já-ditos do interdiscurso sobre o papel do homem como mantenedor financeiro do lar e da mulher como cuidadora e responsável pela criação dos filhos. A paráfrase, isto posto, representa “o retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado (...) está do lado da estabilização”. (ORLANDI, 2015, p. 34).

Na notícia produz-se um efeito de sentido de que a desigualdade de gênero é um problema social estrutural; que as mães desde o momento da gravidez, considerando a licença maternidade até o retorno gradual ao trabalho, são mais afetadas pelas mudanças do que os pais. Também historicamente, é atribuído muito mais a elas o papel de cuidar dos filhos. Destaca-se a discursivização do trabalho materno como um não trabalho, sem remuneração, exaustivo e não valorizado socialmente.

Os dados obtidos pela PNAD acerca do mercado de trabalho, referentes ao 1º trimestre de 2020, são representativos dessa desigualdade de gênero. A pesquisa destaca que embora as mulheres sejam a maioria em idade para trabalhar, contraditoriamente, elas são

minorias entre as pessoas ocupadas (43%); a taxa de desocupação nesse período no Brasil foi de 14,7%, um recorde histórico para o país; e as mulheres representavam 54,5% da população que estava procurando um emprego nesse período.

Tais dados oferecem subsídios para se pensar as dificuldades encontradas pela mulher para permanência no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, uma certa culpabilização da mesma por esse quadro, como se se ela não tivesse outra opção a não ser sair do emprego para cuidar dos filhos, conforme os recortes “a forma que as mulheres estão conseguindo se inserir”, “muitas conseguem, mas têm que sair para cuidar dos filhos”, “elas estejam tentando se reinserir e constantemente pressionando o mercado de trabalho.”. Ressaltamos que os próprios vocábulos utilizados “inserir”, “sair” e “reinserir” instauram o efeito de algo que está fora, produzindo sentidos de exclusão e não adequação dessa mulher mãe às demandas mercadológicas da sociedade.

Esses discursos são afetados pela ideologia meritocrática com efeitos de sentido de habilidades específicas e esforços próprios; há um silenciamento sobre políticas públicas de igualdade de direitos, condições de permanência e valorização das mães no mercado de trabalho, sobrecarga e sobre o papel dos pais nesse contexto (se, por exemplo, a mulher tem maior escolaridade, por que mesmo assim é ela quem “tem que sair” para cuidar do filho?). Destacamos que com o cenário de fechamento das creches e escolas nesse momento de pandemia, essa necessidade de cuidar dos filhos foi intensificada.

Podemos afirmar, ante o exposto, que esse silêncio, a partir dos pressupostos de Orlandi (2007), pode ser pensado como constitutivo, visto que o dito materializado no trecho cala outros sentidos apontados acima; logo, “as palavras vêm carregadas de silêncio(s)” e ele “não é o não-dito que sustenta o dizer mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído.” (ORLANDI, 2007, p. 102).

Os trechos do *El País* e da *BBC News* discutidos anteriormente têm em comum a menção à figura do pai estruturalmente de forma quase acessória, representativa de concepções bastante correntes acerca do não protagonismo do papel paterno no cuidado com as crianças. Deve-se considerar que, embora os exemplos apresentados retratem situações de mães e pais que não são casados, a sobrecarga não é exclusiva dessa configuração familiar.

Home office e licença como privilégios

Outra regularidade discursiva nos textos, diz respeito aos relatos sobre o *home office* e a licença maternidade vistos como privilégios, termo que mobiliza duas perspectivas (i) concessão garantida por lei devido a circunstâncias específicas; (ii) regalia, beneficiamento,

favorecimento. Essa segunda premissa, recorrente em nosso *corpus*, contribui para a construção de sentidos de que a mulher nessas condições estaria em “mordomia”, em descompasso e/ou prejudicando a produção de trabalho “adequada”; já-ditos do interdiscurso que são atualizados e resultam em práticas sociais de desvalorização, desprezo e, inclusive, uma posterior demissão. Iniciamos essa discussão com um trecho do texto do UOL, “Mães relatam dificuldades por volta ao trabalho com filhos fora da escola”:

Marina é mãe de Maria Júlia, de 11, Henrique, de 5, e Maria Vitória, de quase 2. Antes da quarentena, os mais velhos se dividiam entre escola e babá, enquanto a caçula ficava na creche. “Não tenho como pagar alguém para estar com os três em tempo integral.” Ela pede que se tenha mais empatia por quem está passando pelo problema. “*Achavam que eu estava sendo privilegiada* (ao fazer home office por mais tempo). É uma situação atípica. Precisamos pensar no outro.” (UOL, grifos nossos.)

No trecho em discurso direto atribuído a uma mãe nomeada como Marina, não há especificação do sujeito de “achavam que eu estava sendo privilegiada”, mas considerando as condições estritas e amplas de produção desse discurso, é possível concluir que sejam de seus empregadores e, por extensão, da própria sociedade. Nesse caso, há o que se poderia chamar, em referência à discussão sobre formações imaginárias presente em Pêcheux ([1990] 2014), de antecipação de uma formação imaginária, ou seja, o que aquela que enuncia declara acerca do que outro sujeito constrói como imagem sobre ela própria, visto que

o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representadas dessas situações). (PÊCHEUX, [1990], 2014, p. 82)

O recurso da antecipação indica não somente o que se acredita ser a posição de um determinado sujeito, mas diz respeito também às ideologias construídas de concepções con-dizentes com sujeitos que ocupem determinadas posições sociais na estrutura socioeconômica. Associar condições de trabalho mais seguras no momento de pandemia a privilégios, quando se trata de mulheres, relaciona-se a uma discussão mais ampla – histórica, política, social - sobre diferença versus igualdade para as mulheres no mercado de trabalho, aspecto mencionado por Pierucci em *Ciladas da diferença*:

É sabido que já no fim dos anos 70 e no decorrer dos 80 difundiu-se entre as feministas de todos os países uma discussão vivíssima e intelectualmente muito sofisticada, que se tornou conhecida como o debate da “igualdade-versus-diferença”, com um notável avanço (e até mesmo um certo arrojo) na reflexão teórica e nas bandeiras de luta tematizando positivamente a diferença. Tema originariamente da direita conservadora, a diferença passava agora a frequentar, com foros de recuperada legitimidade e inauditas pretensões emancipatórias, os círculos feministas mais intelectualizados e de esquerda. (PIERUCCI, 1990, p. 18)

Por se tratar de tema oriundo da direita conservadora, a adesão ao discurso das diferenças pelos movimentos de esquerda não se deu sem algum prejuízo para as próprias causas defendidas. Para a análise estabelecida neste texto, convém retomar dessa discussão que a visão acerca do home office como um privilégio para uma mãe durante a pandemia advém de uma formação discursiva que, valendo-se do princípio da igualdade, posiciona-se de forma contrária ao oferecimento de diferentes condições de trabalho a depender da situação e das características do contratado.

Nessa mesma lógica, contrária à consideração das diferenças, embora baseada em uma diferença fundamental de que mulheres seriam profissionalmente menos capazes que os homens, a licença maternidade é vista como uma ameaça à manutenção dos empregos, como textualizado no trecho da notícia do *El País*:

“Minha função pode ser realizada de casa, assim como 80% do administrativo da empresa. Mas eles não liberaram ninguém, em momento algum, então não vou tentar negociar home office agora”, diz. “É natural que toda mulher tenha medo de perder emprego quando volta da licença maternidade, ainda mais neste momento de pandemia” (El País, grifos nossos)

Em se tratando de um trecho atribuído a uma mãe, merece destaque a naturalização e a generalização; o uso dos vocábulos “é natural” instaura uma posição sujeito de identificação ao efeito de sentido de licença como privilégio, visto que nesta modalidade de tomada de posição ocorre uma adesão; logo,

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto ‘pré-construído’ e ‘processo de sustentação’) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 2014b, p. 150).

Nessa conjuntura, o trecho da notícia acima aponta para uma estrutura, bastante arraigada na sociedade em alguns setores profissionais, segundo a qual o direito de permanecer em licença conduz à sanção da demissão ou da possibilidade de demissão.

Sobrecarga e exaustão

Há uma relação diretamente proporcional entre os aspectos analisados anteriormente e a sobrecarga e a exaustão materna. Somam-se relações trabalhistas que penalizam as mulheres, principalmente as negras e pobres; a desigualdade na distribuição das atividades domésticas e nos cuidados com os filhos; o *home office* e o fechamento das escolas. Situações que interferem diretamente no acúmulo de atividades e precarização da qualidade de vida de mães e crianças.

Com relação ao modo como esse cenário está presente nos textos, verifica-se uma regularidade discursiva acerca dessa sobrecarga feminina, intensificada pela situação de calamidade pública imposta pela Covid-19. Essa regularidade é mobilizada, inicialmente, nos próprios títulos das notícias em trechos, como: “retomada econômica ignora mães” (El País), “mães relatam dificuldades por volta ao trabalho” (UOL), “mães demitidas durante a pandemia” (BBC News), “vivem o dilema de conciliar cuidados com filhos e trabalho” (Brasil de Fato), “falta de rede de apoio, emprego e escola” (Carta Capital).

Falar em sobrecarga materna corresponde a considerar os cuidados com os filhos, os trabalhos domésticos e o emprego, no caso das que estão empregadas. Tal cenário é abordado em um trecho da notícia “Mães com crianças em casa vivem o dilema de conciliar cuidados com filhos e trabalho”, do *Brasil de Fato*:

O cenário vivido pelas três famílias *traz à luz um problema comum a muitas outras, que é a sobrecarga da mulher. Lidar com a jornada tripla de trabalho*, em que as mulheres precisam conciliar vida profissional, com atividades domésticas e o cuidado dos filhos têm sido diferente de acordo com a realidade econômica e social de cada família. (Brasil de Fato, grifos nossos)

Esse trecho é apresentado na notícia após o relato de três mães que apontam dificuldades em conciliar as demandas profissionais e as maternas. Nele, destaca-se a afirmação “traz à luz um problema comum”, que produz o efeito de sentido de que a sobrecarga feminina já era um problema social anterior à pandemia e que, historicamente, esse acúmulo de tarefas tem sido naturalizado. A situação provocada pela Covid-19, dessa forma, expôs essas dificuldades, ampliadas pela proporção e pelos efeitos da pandemia, tais como: o isolamento social, o fechamento das escolas e as demissões. A respeito, Rodrigues, em artigo sobre o trabalho feminino durante o período pandêmico, considera que “a pandemia deixou escancarado de quem é a responsabilidade pela organização, manutenção e realização dos trabalhos domésticos, incluindo o cuidado com os filhos: é da mulher.” (RODRIGUES, 2020, p. 49).

Outro aspecto que destacamos é a expressão “jornada tripla de trabalho”, que funciona como eufemismo para o acúmulo de trabalho das mulheres mães. Seu emprego materializa sentidos de naturalização na sociedade dessa sobrecarga, com sentidos construídos na memória discursiva de que se trata da obrigação da mulher assumir todas essas atribuições e ser bem sucedida nos diferentes âmbitos; essa memória, conforme pontua Courtine (2009, p. 105-106), diz respeito “à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos.”

Tais efeitos se tornam mais contundentes se considerarmos alguns vocábulos utilizados nos textos para discursivizar a situação das mães, tais como: “malabarismos maternos” (El País); “ginásticas’ no trabalho” (UOL); “sinuca de bico” (BBC News); “tem tido que driblar o tempo” (Brasil de Fato); e “equilibrar o jogo” (Carta Capital). O uso de metáforas do campo semântico do movimento, do esporte ou dos jogos funciona como uma atenuação dos prejuízos, de modo que eles sejam representados imagetivamente como a realização de movimentos que, além de complexos, são também harmônicos e representativos de beleza. Ainda que haja a discursivização acerca da sobrecarga, ela é atenuada com metáforas de sentido positivo, que suavizam a situação retratada e reforçam as habilidades maternas. O discurso na perspectiva da AD, destarte, apresenta-se como um objeto teórico “longe do compromisso com a evidência empírica. Com ele há sempre indício de uma ruptura que será desvendada pelo trabalho do analista, buscando compreender como o gesto de interpretação funciona em sua materialidade.” (LEANDRO FERREIRA, 2003, p. 194).

Considerando, portanto, as condições de produção em que as notícias foram elaboradas, a relação dessas materialidades linguísticas com a exterioridade e com os já-ditos inscritos na memória sobre a mulher, é que os efeitos de sentido sobre ser mãe são reforçados a partir dos itens lexicais listados anteriormente. Um aspecto que contribui para essa sedimentação diz respeito à inserção de trechos em discurso direto atribuídos a mães em diferentes situações econômicas, familiares e sociais. De cada texto realizamos um recorte, como se vê a seguir:

Quadro 2: Recortes de trechos atribuídos às mães nos textos selecionados

Recortes
“Está sendo uma loucura conciliar tudo” (El País)
“Acho difícil dizer que alguém não está tendo dificuldade. Para quem tem filho, é complicado.” (UOL)
“Às vezes eu acordava às 4h da manhã para terminar meu trabalho antes de o bebê acordar. E também fazia todo o trabalho doméstico. (BBC News)

“Confesso que por mais que eu me esforce não estou conseguindo dar conta de manter uma rotina de estudos com ela. O livro que a creche disponibilizou já foi todo utilizado e não tenho conseguido buscar atividades rotineiras para desenvolver com ela” (Brasil de Fato)

“A gente se sente muito culpada por estar trabalhando. Eu passo por situações de esgotamento em que eu me sinto mal por estar esgotada, mas temos, no nosso imaginário, que a mãe tem que estar sempre feliz. Que só o sorriso do filho já basta. Na verdade, a gente precisa dormir.” (Carta Capital)

(Fonte: organização das autoras)

A partir deles, é possível mobilizar os seguintes efeitos de sentido: (i) situação caótica vivenciada pelas mães; (ii) percepção e impactos diferentes da pandemia para aqueles que têm filhos e os que não têm; (iii) tentativa de conciliar trabalho, cuidados com os filhos e atividades domésticas; (iv) dificuldade em manter as atividades escolares; e, por fim, (v) esgotamento e obrigatoriedade de cumprir satisfatoriamente todas as tarefas.

Essas discussões remetem-nos a pré-construídos socialmente no imaginário social de que a mãe tem a obrigação e a capacidade de cuidar do seu entorno; que ela deve estar sempre feliz a partir do momento em que seu filho está bem e saudável; que a ela não cabe se sentir cansada ou reclamar. A maternidade, portanto, nessa memória, ocupa um patamar de divindade e perfeição, que procura se manter até mesmo pelas metáforas empregadas para discutir a situação das mães. Percebemos, ante o exposto, a retomada e sedimentação de já-ditos instaurando um efeito de memória, considerando que:

os objetos que chamamos ‘enunciados’, na formação dos quais constitui o saber próprio a uma FD, existem no tempo longo de uma memória, ao passo que as ‘formulações’ são tomadas no tempo curto da atualidade de uma enunciação. É então exatamente a relação entre interdiscurso e intradiscurso que se representa neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma ‘conjuntura discursiva’, e que designamos efeitos de memória. (COURTINE, 2009, p. 106)

Esse imaginário social associado à necessidade de conciliar atividades profissionais e as demandas maternas, em um contexto de não funcionamento das unidades escolares, além de estabilizar os efeitos de sentido apontados acima, contribui para o desencadeamento de diversas questões para a mulher, tais como: exaustão, sobrecarga, estresse, cobrança, culpa, frustração e ansiedade; fatores que, por sua vez, podem acarretar prejuízos para sua saúde.

Nesse campo discursivo da maternidade e fechamento das escolas, além das discursivizações apresentadas anteriormente, materializam-se também os seguintes efeitos de sentido: (i) ausência de rede de apoio, posto que, com o isolamento social, além da falta de opção das escolas, as mães não podem contar com o auxílio dos avós (UOL; Carta Capital; BBC News); (ii) fechamento percebido como problema de maiores dimensões pela retomada de

alguns setores da economia (El País; UOL; Brasil de Fato); (iii) apesar das dificuldades geradas, consideração de que não é o momento de reabertura das unidades de ensino (El País; UOL; Brasil de Fato); (iv) impactos mais intensos para mães de filhos menores de 10 anos (Carta Capital); (v) invasão do *home office* no contexto familiar, dificuldade de delimitação dos espaços (El País); e, por fim, (vi) ausência de ações das empresas empregadoras e de políticas públicas governamentais efetivas para as mães. (El País; BBC News; Carta Capital).

Considerações finais

A partir das análises, observamos os diferentes efeitos de sentido produzidos sobre as mães, no atual cenário de pandemia, quando se discute educação e fechamento das escolas. Esses sentidos, conforme discutimos, não estão alocados na materialidade linguística, mas são construídos na relação da língua com a exterioridade e com outros discursos, a partir de determinações históricas imbricadas nas condições de produção.

Considerando os sentidos de desigualdade de gênero e valorização de aspectos econômicos que circulam em nossa sociedade, as escolhas linguísticas apontam para a situação de vulnerabilidade vivida pelas mães nesse momento de pandemia; também regularizam e reforçam sentidos que permeiam a memória discursiva sobre as figuras de mãe, pai e filhos.

Durante o texto, os dados foram apresentados a partir da delimitação de eixos, representativos de regularidades discursivas nas notícias, que dizem respeito às concepções sobre as desigualdades entre as funções da mãe e do pai; os direitos trabalhistas e possibilidades de trabalho remoto encarados como privilégios; e, por fim, à sobrecarga e à exaustão.

Sinteticamente, destacamos as seguintes discursivizações: (i) intensificação da sobrecarga materna pela pandemia; (ii) estrutura social marcada pela desigualdade de gênero, refletida na distribuição das tarefas; (iii) silenciamento e/ou papel secundário destinado aos pais; (iv) desencadeamento de sentimentos de exaustão, culpa e frustração; (v) aparente “escolha” entre o papel familiar ou profissional; (vi) consideração da retomada das escolas por critérios econômicos, e não educacionais; e (viii) romantização da maternidade.

Apesar de os textos analisados abordarem uma situação excepcional da maternidade, que diz respeito ao cuidar de crianças em meio à pandemia de Covid-19 e sem o apoio presencial das escolas, eles ressoam uma situação já posta de sobrecarga de trabalho materno, que se tornou mais grave devido à crise sanitária. Linguística e discursivamente, foi possível observar que, mesmo em trechos atribuídos às próprias mães, as expressões empregadas estabilizam os já-ditos e reforçam a situação de desigualdade.

Em se tratando de textos que, mesmo que tangencialmente, abordam as escolas, o destaque à economia em detrimento à discussão de aspectos educacionais é bastante ilustrativo dos caminhos que têm sido tomados no Brasil nas diferentes esferas governamentais para enfrentamento da pandemia, posto que as discussões em torno da saúde e da educação têm sido balizadas frequentemente pelos impactos econômicos.

Ainda que a tematização sobre a sobrecarga materna tenha o potencial de lançar luz a uma situação de desigualdade historicamente naturalizada, sua associação à discussão sobre o fechamento das escolas durante a pandemia acaba por se cruzar com discursos que esvaíam o caráter educacional e formativo das escolas. Se, por um lado, trata-se de uma pauta que reivindica o pleno funcionamento das escolas, por outro, ela aponta para a necessidade de aprofundar o debate em torno da sua função social, sob risco de valorizarmos discursos que textualizam as escolas como espaços que têm como função principal permitir a atividade econômica de mães, pais e responsáveis.

EFFECTS OF MEANING IN TEXTS ABOUT MATERNITY AND CLOSING SCHOOLS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT: This paper aims to analyze the effects of senses produced about motherhood in the context of school closures due to the Covid-19 pandemic in journalistic texts of wide circulation. The research is based on the theoretical assumptions of Discourse Analysis. Specifically, we mobilize the notions of discourse, meaning, silence, interdiscourse, and discursive memory. The corpus consists of excerpts from five texts published in the following newspapers and news portals: *BBC News* in São Paulo, *Brasil de Fato*, *Carta Capital*, *El País*, and *UOL* in 2020. The results point to (i) a discursive regularity about roles historically discursive for men and women; (ii) an introduction of paraphrases that consolidate the naturalization of gender inequality and maternal overload and (iii) meaning effects of an intrinsic relationship between the functioning of schools and the economy.

KEYWORDS: Discourse; Interdiscourse; Motherhood.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.

DELA SILVA, Silmara Cristina. (Des)Construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. In: FLORES, Giovanna Benedetto.; GALLO, Solange Maria Leda; NECKEL, Nádia Régia Maffi; LAGAZZI, Suzy; FONTANA, Mônica. (Orgs.). *Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FERNANDES, Carolina; VINHAS Luciana Iost. Da maquinaria ao dispositivo teórico analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 133-151, jan./abr. 2019

GALVANI, Giovana. Falta de rede de apoio, emprego e escola marca a maternidade na quarentena. *Carta Capital*. 27, dez., 2020. Disponível em

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/falta-de-rede-de-apoio-emprego-e-escola-marca-a-maternidade-na-quarentena/>. Acesso em 01 fev. 2021.

IDOETA, Paula Adamo. As mães demitidas durante a pandemia: “Tentei conciliar trabalho com meu bebê, mas perdi o emprego”. *BBC News Brasil*. 05, out. 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54329694>. Acesso em 01 fev. 2021.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In.: INDURSKY, Freda, MITTMAN, Solange e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.) *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas –SP: Mercado das Letras, 2011, p. 67-89.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O caráter singular da língua na análise do discurso. *Revista Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, v. 17, n. 35, 2003.

MENGUE, Priscila. Mães relatam dificuldades por volta ao trabalho com filhos fora da escola. *UOL (Estadão conteúdo)*. 06, jul, 2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/07/06/a-dura-retomada-com-filhos-e-sem-aulas.htm>. Acesso em 01 fev. 2021.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. *Revista Tamoios*, 16(1), 2020. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em 15 jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12ª edição. Campinas - SP: Pontes, [1999] 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 7ª edição. Campinas: Pontes Editores, [1983] 2015.

PÊCHEUX, Michel. Recortar ou segmentar? In: *Linguística: Questões e Controvérsias*. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09-26

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 2014.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. In. GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, [1990], 2014.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. A língua inatingível. In.: Pêcheux, Michel. *Análise de discurso. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2011.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 2 (2), p. 7-33, 2. sem. 1990.

RODRIGUES, Natália Queiroz Cabral. Trabalho feminino em tempos de pandemia. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho*. 10ª Região. Brasília, v. 24, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revista.trt10.jus.br/index.php/revista10/article/view/394/317>. Acesso em 26 jan. 2021.

ROSSI, Marina. Retomada econômica ignora mães que precisam ir ao trabalho e não terão escolas para deixar os filhos. *El País*. 04, jun. 2020. Disponível em <https://brasil.el-pais.com/brasil/2020-06-04/retomada-economica-ignora-maes-que-precisam-ir-ao-trabalho-e-nao-terao-escolas-para-deixar-os-filhos.html>. Acesso em 01 fev. 2021.

VASCONCELOS, Júlia. Mães com crianças em casa vivem o dilema de conciliar cuidados com filhos e trabalho. *Brasil de fato*. 09, out., 2020. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/09/maes-com-criancas-em-casa-vivem-o-dilema-de-conciliar-cuidados-com-filhos-e-trabalho>. Acesso em 01 fev. 2021.

Recebido em: 21/10/2022.

Aprovado em: 22/03/2023.